

ALTERNÂNCIA DE CÓDIGOS NA FALA DE UMA CRIANÇA BILÍNGÜE EM PORTUGUÊS E ESPANHOL

Sonia Maria Lazzarini Cyrino*

RESUMO: Este trabalho enfoca a alternância de códigos que ocorre na fala de uma criança bilíngüe no caso de duas línguas tipologicamente semelhantes, espanhol e português. O objetivo é identificar o tipo de alternância de códigos apresentada, dada a literatura a respeito: alternância de códigos, empréstimos ou outro tipo de fenômeno. Os resultados mostram que o fenômeno mais comum nos dados é a inserção de constituintes, um fenômeno não esperado para línguas tipologicamente semelhantes. Esse resultado pode ser explicado se adotarmos uma teoria específica para a aquisição bilíngüe.

PALAVRAS-CHAVE: alternância de códigos; aquisição bilíngüe; teoria gerativa.

Vários estudos na área de sociolingüística (Sankoff & Poplack, 1981; Poplack, 1982, 1987 a,b; Naït M' Barek & Sankoff, 1988; Poplack, Wheeler & Westwood, 1987; Poplack, Sankoff & Miller, 1988; Belazi, Rubin & Toribio, 1994; Mahootian & Santorini, 1996; entre outros) analisam fenômenos que ocorrem nas situações em que duas línguas se misturam, no caso de falantes bilíngües.

Este trabalho¹ parte de um estudo em andamento sobre elementos nulos e o componente morfológico da gramática (Cyrino, em andamento) enfoca a alternância de códigos que ocorre na fala de uma criança bilíngüe, em que as duas línguas são tipologicamente semelhantes, o espanhol e o português.

Os dados neste estudo são de Paula, idade entre 3;8 e 4;1, e constitui parte dos dados de aquisição usados por Sala-Muñoz (1990) em seu estudo sobre aquisição bilíngüe. Neste trabalho, quantifico as ocorrências de alternância de códigos (AC) em termos de porcentagem, pois meu objetivo

(*) Universidade Estadual de Londrina.

(1) Uma versão deste trabalho foi apresentada no 25° Congresso NWAWE (New Ways of Analyzing Variation), realizado em outubro de 1996 na University of Nevada at Las Vegas, E.U.A.

é detectar qual fenômeno ocorre mais freqüentemente, tendo como base a categorização de AC na fala de bilíngües em Poplack & Sankoff (1988).

1. SOBRE ALTERNÂNCIA DE CÓDIGOS

No conhecido trabalho de Sankoff & Poplack (1981), encontramos um enfoque formal para se descrever a sintaxe da AC, com a proposta da Restrição do Morfema Livre, que proíbe alternâncias entre um morfema preso e uma forma lexical, a menos que a forma lexical esteja integrada na língua do morfema preso, e a Restrição de Equivalência, que propõe que a ordem dos constituintes de uma sentença imediatamente adjacente e em ambos os lados do ponto de alternância sejam gramaticais nas duas línguas envolvidas, simultaneamente.

Outros estudos (Poplack, 1982, 1987 a,b; Naït M'Barek & Sankoff, 1988; Poplack, Wheeler & Westwood, 1987; Sankoff & Poplack, 1988) aprofundam critérios para estabelecer diferentes tipos de fenômenos que ocorrem em uma situação de línguas em contato. Empréstimo é diferente de AC: enquanto AC envolve a alternância para uma outra língua, seja de um modo suave ("smooth") ou sinalizado ("flagged"), mas sempre de acordo com certas restrições sintáticas, empréstimo é o uso de certas palavras de outra língua, palavras essas que estão morfológica, sintática ou fonologicamente integradas na língua hospedeira. Em outras palavras, nos empréstimos, um item lexical da segunda língua (L2) obedece regras sintáticas, morfológicas e fonológicas da primeira língua (L1), enquanto que, em AC, cada fragmento monolíngüe é gramatical em todos os níveis em cada uma das línguas. Empréstimos podem já estar estabelecidos em uma língua, ou ser "ocasionais" ("nonce"), e geralmente envolvem itens lexicais que podem ser flexionados na L1 e que ocupam a posição sintática correspondente. Essa é a razão pela qual o item emprestado pode ocupar uma posição diferente daquela que teria na língua original, e também pode ter flexões diferentes.

Um outro fenômeno relatado nesses estudos é a “inserção de constituintes”. Nesse caso, as restrições na ordem das palavras nos pontos de alternância propostas pela Restrição de Equivalência não precisam ser respeitadas, e, geralmente, há um retorno para a outra língua logo em seguida da inserção. A diferença entre “inserção de constituintes” e “empréstimos” é a falta de integração morfológica na língua hospedeira.

Esses estudos apontam para uma predição geral: se o papel social da mistura de línguas permite sua integração, podemos dizer que as línguas que são tipologicamente semelhantes favorecerão longos trechos de AC, que obedecerão a Restrição de Equivalência (embora a exatidão dessa restrição já tenha sido desafiada em vários estudos, desde que foi proposta, ver abaixo), e línguas que são tipologicamente diferentes favorecerão o empréstimo “ocasional” ou a inserção de constituintes.

2. A AQUISIÇÃO BILÍNGÜE

Poucos estudos têm se focado na AC em aquisição bilíngüe. Salas-Muñoz (1990) é um desses estudos; porém, não leva em conta os diferentes tipos de AC descritos acima. É o estudo da aquisição de uma criança bilíngüe (Paula), e assume a definição de AC em Weinreich (1967), segundo a qual uma pessoa bilíngüe alterna de uma língua para outra de acordo com as mudanças nas situações de fala (interlocutor, tópico, etc). A hipótese desse estudo é a predizibilidade de AC no discurso direto quando há uma terceira parte na situação de duas línguas. Quando o sujeito ou o discurso de uma terceira pessoa é relatado, não só o discurso mas também a língua da pessoa é introduzida.

Petersen (1988) estuda uma criança de três anos, bilíngüe em dinamarquês e inglês. A autora mostra que a criança produz AC ao nível da palavra: morfemas gramaticais do inglês ocorrem com morfemas lexicais do dinamarquês, como em (1), mas nunca o contrário. A criança nunca foi

exposta a uma comunidade que usasse AC, a não ser AC intrasentenciais ocasionais.

(1) bors

bor, do dinamarquês, = viver

s, do inglês, = sufixo para a 3^a pessoa do singular, presente

vasking

vask, do dinamarquês, = lavar

ing, do inglês, = sufixo do particípio presente

that mad

that, do inglês, = demonstrativo, aquele, aquela

mad, do dinamarquês, = alimento, comida

should ligge

should, do inglês, = modal

ligge, do dinamarquês, = mentir

haveds

haved, do dinamarquês, = cabeça

s, do inglês, = sufixo de plural

Em outros estudos de aquisição bilíngüe, a questão da mistura de línguas é raramente considerada. Mas encontramos relatos de mistura, sem análise, que mostram que o tipo de alternância relatado acima é uma ocorrência muito comum em aquisição bilíngüe (Leopold, 1978; Burling, 1978; Lindholm & Padilla, 1978; Vihman, 1985; Karniol, 1990). Burling (1978), por exemplo, além desse tipo de ocorrência, também relata que seu sujeito inseria palavras da L2 em sua fala em L1, e acrescenta que em sua comunidade, os adultos também faziam esse tipo de AC.

Uma outra ocorrência que parece ser comum em aquisição bilíngüe é a justaposição de palavras (Vihman, 1985; Burling, 1978; Celce-Murcia, 1978; Imedaze, 1978; Leopold, 1978), isto é, a criança produz duas palavras com o mesmo significado, uma em cada língua.

Alguns estudos questionam a existência de estágios na aquisição bilíngüe. Volterra & Taechner (1978), por exemplo, propõem os seguintes três estágios: 1) um estágio no qual a criança apresenta somente um sistema gramatical resultante da mistura dos dois sistemas lingüísticos aos quais a criança está exposta; 2) o estágio no qual haveria uma separação dos sistemas lexicais, mas com a aplicação de regras sintáticas de uma só língua; 3) o estágio no qual haveria uma distinção lexical e sintática das línguas envolvidas.

Meisel (1987), no entanto, mostra que é difícil manter a postulação desses “estágios” na aquisição bilíngüe porque seus dados mostram que a criança consistentemente separa os dois sistemas lingüísticos sem nenhum estágio de “confusão”, desde a emergência de duas palavras. Além disso, dentro da teoria de princípios e parâmetros, que assumo, o estágio 1 acima é impossível, pois a criança nasce com um sistema de princípios, o qual também pode explicar a mistura das línguas vista em (1) acima. A criança é capaz de separar as categorias funcionais mesmo ao nível da flexão, o que é demonstrado pelo fato de que todas as crianças bilíngües, com diferentes combinações de línguas, fazem o mesmo tipo de AC: interno à palavra. Devido a princípios inatos, a criança é capaz de diferenciar categorias lexicais das funcionais, o que mostra que ela não “confunde” as línguas, mas sim, é capaz de “separá-las”.

3. O ESTUDO

Para este estudo, usei 3 horas de diálogos gravados (1231 sentenças) de Paula (idade entre 3;8 e 4;1) em situação natural. Paula, o mesmo sujeito em Salas-Muñoz (1990)², é uma garota chilena que chegou ao Brasil quando tinha quase dois anos de idade. Durante seu primeiro ano no novo país, seu contato com o português foi muito pequeno, pois ficava

(2) Agradeço a Prof^a. Dr^a. Esther Scarpa pela gentileza de ter facilitado meu acesso aos dados.

em casa e somente ouvia e falava espanhol, com os pais. Quando tinha 2;8, entrou para o “maternal”, e então começou seu contato com o português. Logo depois disso, seus pais compraram um aparelho de TV, e assim tinha também contato com o português em casa. Os pais de Paula, segundo Salas-Muñoz, sempre se dirigiam à criança em espanhol, e o pai sempre a corrigia para que falasse em espanhol quando ela usava o português.

A fala produzida pela criança foram quantificadas e classificadas como mistura ou não-mistura, exceto em casos ambíguos – algumas sentenças poderiam ser classificadas com tendo sido produzidas em espanhol ou português, dada a semelhança das línguas. Casos de palavras existentes nas duas línguas foram considerados se pôde ser detectada a línguas. Por exemplo, a palavra *amigos* foi considerada espanhol se pronunciada [amigos] e português se pronunciada [amigus].

Os resultados foram interessantes pois mostram que nesse período de sua vida, Paula usa uma ou outra língua na maior parte do tempo. Exemplos de mistura são poucos, como podemos ver na tabela 1, que mostra as porcentagens de uso de cada língua:

somente uma língua		mistura de línguas		total	
N.	%	N.	%	N.	%
835	68	396	32	1231	100
somente espanhol		somente português		total	
N.	%	N.	%	N.	%
253	30	582	70	835	100

Tabela 1. Mistura de línguas

Em todas as gravações utilizadas, esse foi o padrão mais comum. A tabela 2 mostra esse resultado:

fítas	mistura de línguas		uma língua		total	
	N.	%	N.	%	N.	%
idade 3;8	86	34	165	66	251	100
idade 3;9	64	29	156	71	220	100
idade 3;11	55	28	140	72	195	100
idade 3;11	44	25	129	71	173	100
idade 4;1	49	29	121	71	170	100
idade 4;1	98	44	124	56	222	100
total	396	32	835	68	1231	100

Tabela 2. Mistura das línguas em diferentes gravações

Quando Paula misturava as línguas, os resultados mostram que a frequência mais comum foi a inserção de constituintes como Nomes, Verbos, Adjetivos em espanhol em uma sentença em português, como mostra a tabela 3:

Espanhol (sent. do Port.)	N.	%
inserção de N (DET in P)	72	18.2
inserção de PRONOME/NP	60	15.2
inserção de VERBO	60	15.2
inserção de ADJECTIVO	43	10.8
<i>total</i>	<i>235</i>	<i>59.4</i>
outras ocorrências		
expressões em espanhol	36	9.1
verbos in E com term. Em P	33	8.3
AC - P para E	25	6.3
outros tipos de AC	67	16.9
<i>total</i>	<i>161</i>	<i>40.6</i>
TOTAL	396	100

Tabela 3. Padrões de Mistura

As inserções do português (P) no espanhol (E) são poucas, como pode ser visto na tabela 3. Alguns exemplos:

(2) a. “mia pipoca, me paré de comê...”

‘Parei de comer minha pipoca’

b. “entonces, qué un tecito?”

‘então, quer um chazinho?’

4. DISCUSSÃO

Os dados neste trabalho mostram que Paula não “confunde” as duas línguas. Ela faz AC, visto ser esse um fenômeno comum entre bilíngües. Meisel (1987) afirma que crianças bilíngües parecem usar o AC como um tipo de estratégia de “alívio” – algumas vezes a criança não sabe um certo termo na L2 e usa a L1, ou algumas vezes é mais fácil usar um termo na L2 do que na L1, por exemplo, dependendo do tópico da conversa ou da pessoa com quem se fala.

Contudo, a questão colocada neste trabalho é saber que tipo de AC ocorre no discurso de uma criança bilíngüe, especificamente no caso de línguas tipologicamente semelhantes.

No caso de Paula, é difícil detectar AC interno à palavra, devido à semelhança das línguas envolvidas. Isso é mais evidente em línguas que têm sistemas flexionais diferentes, como mostrado em Petersen (1988). Mas, mesmo assim, encontramos exemplos de tais alternâncias:

(3) eu **habei** com minha mãe também (cf. Port., *falei*)

no qual a raiz do verbo está em espanhol (‘habl-’), e a flexão é do português (‘-ei’).

Também verificamos que Paula algumas vezes usa a flexão do infinitivo do português brasileiro com verbos do espanhol:

(4) vamu **habá** com essa (cf. E, **hablar**; P, **falá**)

Em outras ocasiões, Paula usa a flexão do espanhol:

(5) é pa futa **quecer** (cf. E, **crecer**; P, **crecê**)

Paula também inicia uma sentença em espanhol e termina em português, ou vice-versa. Considerando a semelhança das línguas envolvidas, este seria o tipo mais comum de AC – não teríamos problemas com relação aos pontos de alternância, como pode ser previsto pela Restrição de Equivalência. No entanto, como visto na tabela 3, quantitativamente, o tipo mais comum de AC é a inserção de constituintes, o fenômeno descrito por Naït M'Barek & Sankoff (1987) para o árabe e francês.

Agora a pergunta seria: por que deveríamos considerar tais ocorrências como inserção de constituintes e não empréstimos?

As diferenças entre inserção de constituintes e outros fenômenos de AC são (Poplack & Sankoff, 1988):

- a) embora a inserção de constituinte possa ser considerada AC baseada na equivalência, em inserção de constituintes há geralmente um retorno à língua original logo após a inserção. A inserção também ocorre sem levar em conta a ordem de palavras correta na língua original.
- b) embora a inserção de constituintes possa ser considerada empréstimo, nesse tipo de fenômeno a palavra não está sintática, fonológica ou morfológicamente integrada à língua hospedeira.

As ocorrências de AC na fala de Paula seguem o primeiro critério – temos apenas uma palavra em espanhol em uma sentença do português.

Quanto ao segundo critério, a palavra não está fonológica ou morfológicamente integrada no português, embora seja difícil de dizer que não está sintaticamente integrada devido à semelhança das línguas envolvidas. Contudo, temos alguns dados que mostram os reflexos da sintaxe. Em (6) não integração sintática, contrariamente a (7):

(6) e ele se caiu...

(7) será que meu pai vai enojá muito si eu bincá com todo esse binquedo

Em (6), temos o clítico “se”, que não é usado em português com verbos como “cair”. A sentença, então, tem a inserção de um item do espanhol que não está integrado na gramática do português. Em (7), temos um item do espanhol, “enojar-se”, que, além de usar a morfologia do português (*enojá*, ao invés de *enojar*), está sintaticamente integrado na língua, visto que o clítico “se” está ausente – em português, não há “se” com o verbo que tem esse significado (“ficar zangado”). A criança usa a sintaxe do português com um item do espanhol, que também está flexionado como se fosse uma palavra do português.

Os exemplos (8) e (9) também mostram reflexos da sintaxe:

(8) o material é pa levá a segunda-feira (cf. Esp., eu material.
hay que llevarlo el Lunes)

(9) mas a minha leche sim (cf. Esp., *la leche*)

Em (8), embora os itens lexicais e a sintaxe são do português (a concordância segue o português), o uso do artigo *a* mostra a construção em espanhol (*el Lunes*) – em português teríamos uma preposição (*na*

segunda-feira). Em (9). Além do item lexical em espanhol ('leche'), a concordância também segue o espanhol (em português, leite é masculino).

Um outro fator importante é que os dados mostram que as ocorrências de inserção de constituintes não se restringem a categorias lexicais: os exemplos abaixo mostram que também temos inserção de pronomes (10), preposições (11) e determinantes (12):

- (10) a. **tu** conhece ela? (cf. Port., **você** conhece ela?)
b. sabe, ontem **yo** estava na festa junina, toda pintadita ...
c. telefona pá **él** também...
- (11) a. la caja **du** juguetes (cf. Esp., **de** juguetes)
b. quería tener más brinquedo pá **jugar** (cf. Esp., **para** jugar)
- (12) a. **la** Paula num é **mi** amiga...
b. **dos** minhoquinha fazendo ginastiquinha...
c. e eu também dou **una** palmada na cabeça...

Paula usa os pronomes do português, **eu**, **você**, **ele**, em outras situações; portanto, (10) mostra a inserção de itens em espanhol em uma sentença do português. (11) mostra o uso de preposições do português em uma sentença em espanhol, e (12), o uso de determinantes do espanhol em sentenças do português. (12b) é interessante, pois é parte de uma música infantil muito popular no Brasil, e se esperaria que a criança teria memorizado a letra – no entanto, a criança insere um constituinte do espanhol, o numeral **dos**.

Esse é um resultado interessante para línguas tipologicamente semelhantes. Não esperaríamos inserção de constituintes, mas trechos mais longos de AC intrasentencial, provavelmente obedecendo alguma restrição, ou então, empréstimos, como encontramos em estudos de discurso bilíngüe.

Inserção de constituintes, como vimos, foi proposta para línguas tipologicamente diferentes, tais como árabe e francês (Nait M'Barek & Sankoff, 1988).

No entanto, também temos que considerar que estes são dados de aquisição, e este fato poderia ser relevante, visto que inserção de constituintes parece ser comum no discurso de crianças bilíngües, como relatado (embora não estudado) em muitos trabalhos (Leopold, 1978; Lindholm & Padilla, 1978; Vihman, 1985; Petersen, 1988; Karniol, 1990).

Por exemplo, Fantini (1985), no estudo da aquisição bilíngüe de seu filho relata a produção de muito mais palavras em inglês no discurso em espanhol do que o contrário. Ele descreve o fato como sendo "mistura lexical" ('lexical mixing') e indica dois tipos de tais ocorrências: "empréstimo puro" ('pure borrowing'), quando uma palavra da língua X era usada na língua Y, retendo os traços originais (i.e., inserção de constituintes, em nossos termos), e "empréstimo ajustado" ('adjusted borrowing'), quando há um item emprestado da língua X, mas fonológica e/ou morfologicamente adaptados para a língua Y (i.e., empréstimo, em nossos termos). Fantini relata que o primeiro tipo de mistura ocorreu muito mais freqüentemente que o segundo.

Da mesma forma, Burling (1978) relata que seu sujeito produzia sentenças do garo que incluía palavras do inglês, além de acrescentar sufixos do garo em termos do inglês. De acordo com o autor, "there was never doubt that his initial sentences were Garo even if the lexical items came from English" (Burling, 1978:74).

Em Burling (1978), as línguas não são tipologicamente semelhantes: parece, então, que inserção de constituintes poderia ser considerada uma constante em aquisição bilíngüe, não importa que línguas estejam envolvidas. Se esse for o caso, deveríamos ter alguma explicação para o fato, e gostaria de ir para a teoria da gramática para tanto.

Na verdade, alguns modelos (Joshi, 1984; DiSciullo, Muysken & Singh, 1986; Woolford, 1983) têm sido desenvolvidos para explicar o

fenômeno. Entre estes, os últimos dois modelos estão baseados no quadro da teoria gerativa, especificamente no modelo GB. O objetivo é explicar como sentenças onde duas línguas estão misturadas poderiam ser geradas e interpretadas já que, nesse caso, duas gramáticas estariam envolvidas ao mesmo tempo.

Woolford (1983) observa o fato que essa “mistura” de línguas não ocorre ao acaso. Os indivíduos bilíngües não “misturam” simplesmente qualquer parte das duas gramáticas. Se esse fosse o caso, poderíamos esperar sentenças como ‘Not am stubborn’ de uma pessoa bilíngüe que quisesse expressar ‘I’m not stubborn’ usando a gramática do espanhol (‘Non soy terca’). Mas tais construções não ocorrem na fala de bilíngües.

Woolford então diz que “it is clear that bilinguals do not merely merge all portions of their two grammars into one during code-switching... on the contrary, in a code switching sentence, the fragments in each language appear phonologically, syntactically, and semantically just as they would if the entire sentence were in that language” (Woolford 1983: 521-522). O modelo de Woolford, então, consiste da união de duas gramáticas monolíngües para produzir as sentenças com AC; contudo, nenhuma das regras de qualquer das gramáticas pode ser alterada. Assim, inserção de constituintes não pode ocorrer completamente sem restrições. De acordo com seu modelo, durante a inserção lexical, os quadros de subcategorização dos itens inseridos devem estar satisfeitos na sentença bilíngüe, e o processo de formação de palavras não podem interagir, tendo que ser mantidos separados.

DiSciullo, Muysken & Singh (1986), por outro lado, afirmam que a alternância de códigos deveria obedecer relações sintáticas mais profundas, como regência. Os autores propõem que “when a government relation holds between elements, there can be no mixing: when that relation is absent, mixing is possible” (DiSciullo, Muysken & Singh, 1986:4). Segundo os autores, essa poderia uma teoria factível para uma gramática de AC, pois não seria restrita a AC, mas serviria para todas as línguas naturais (sobre esse ponto, ver também Mahootian, 1993).

Mais recentemente, Mahootian & Santorini (1996) afirmam que tanto a Restrição de Núcleos Funcionais ('Functional Head Constraint') e o Corolário de Integridade Palavra-Gramática ('Word-Grammar Integrity Corollary') de Belazi, Rubin & Toribio (1994) são empiricamente inadequados. As autoras mostram que a proposta sofre das mesmas inadequações que a Restrição do Morfema Livre e a Restrição da Equivalência, propondo, então que "heads determine the syntactic properties of their complements in code-switching and monolingual contexts alike" (Mahootian & Santorini, 1996:470). As autoras também pretendem distinguir entre complementos e adjuntos, propondo que a AC que ocorre em complementos segue as propriedades sintáticas determinadas pelos núcleos, ao passo que isso não ocorreria com as estruturas de adjunto. As autoras então consideram que a AC que ocorre em estruturas de modificação sejam instâncias de estruturas de adjunção e assim permitem a alternância em qualquer ponto (entre nome e adjetivo), sem levar em conta as línguas envolvidas.

Não discutirei essas propostas aqui, mas adaptarei o modelo de Woolford (1983) para uma gramática bilíngüe, acrescentando recentes propostas na teoria da gramática. Assim, assumo que a criança bilíngüe é competente em duas gramáticas, e certas restrições sintáticas devem estar presentes para a AC, por exemplo, as propostas por Mahootian & Santorini (1996), visto que há alguns tipos de AC que não ocorrem no discurso bilíngüe. No entanto, gostaria de propor que, na inserção de constituintes, a criança pode usar a gramática de uma língua, embora o vocabulário venha da outra língua.

Halle & Marantz (1993) propõem uma organização da gramática de princípios e parâmetros (assumida em Chomsky, 1995), na qual a inserção de "Vocabulário" ocorre depois da estrutura-S. A figura 1 mostra a organização da gramática nesses termos:

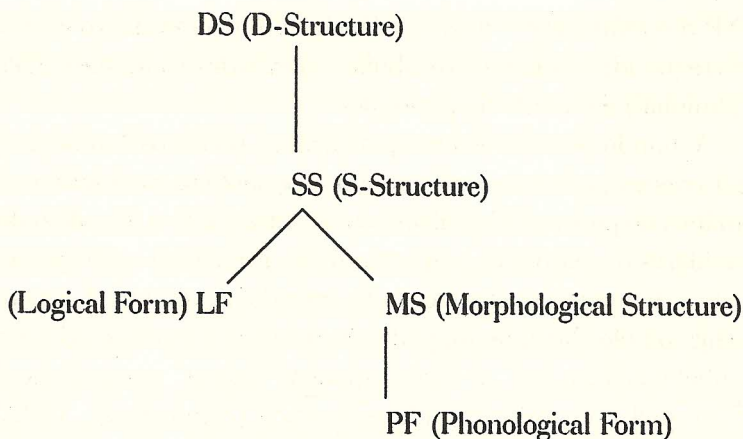


Figure 1 (de Halle & Marantz, 1993:114)

Os elementos terminais das estruturas arbóreas seriam agora constituídos de feixes de traços, aos quais seriam dados os traços fonológicos somente após a inserção de “Vocabulário” ao nível de MS. Em outras palavras, nos níveis sintáticos de LF, estrutura-D e estrutura-S, os nódulos terminais não teriam traços fonológicos e estes seriam obtidos somente ao nível da MS. Além do mais, neste modelo, processos morfológicos não estão restritos a acontecer em um único componente da gramática, mas estariam distribuídos entre vários diferentes subcomponentes.

Se considerarmos esse modelo, em que a inserção de vocabulário ocorre pós-sintaxe, podemos propor que a criança bilíngüe pode usar a gramática de uma língua e alternar para uma outra língua (obedecendo a restrições de AC), e inserir um constituinte, mesmo que os itens de vocabulário sejam realizados na primeira língua.

Podemos então entender as inserções de constituintes que encontramos no discurso de Paula, tais como os exemplos (8) e (9). Embora o vocabulário de toda a sentença em (8) venha do português, poderíamos dizer que a criança usa uma construção em espanhol no NP (o trecho de AC) - *el Lunes = a segunda-feira*. Em (9), o espanhol é usado novamente

no NP *a minha leche* – a concordância com o substantivo está presente como requerido – embora o vocabulário para o determinante e o possessivo ('a', 'minha') é tomado do português.

Voltando aos outros exemplos acima, podemos também observar que a criança pode usar um item em espanhol em uma sentença com a gramática do português brasileiro, ou o contrário: Em (6), além do uso do vocabulário do português, aspectos dessa gramática estão presentes na sentença: temos um sujeito não-nulo, quando, em espanhol, esperaríamos um sujeito nulo. No entanto, podemos detectar a inserção do vocabulário espanhol no clítico "se". O verbo espanhol "caerse" tem o clítico inerente "se", o qual é lexicalmente idiosincrático (Zubizarreta, 1982, 1987; Everett, 1993), isto é, de acordo com Halle & Marantz, está presente somente na inserção do Vocabulário – os autores afirmam que "in addition to phonological features, Vocabulary insertion supplies morphological features that signal idiosyncractic properties of Vocabulary items" (Halle & Marantz, 1993:136). Incidentalmente, o português brasileiro também tem o clítico inerente "se", mas com verbos como "arrepender-se", "suicidar-se" (Nunes, 1995) - não com "cair". O exemplo mostra, portanto, a inserção de um item idiosincrático tomado do vocabulário de uma das línguas envolvidas, no caso, o espanhol.

Por outro lado, (7) acima mostra a gramática do português brasileiro. Clíticos ergativos (como "se" em "enojar-se", 'ficar zangado' no espanhol, e "lembra-se", no português) são diferentes de clíticos inerentes: não podem ser inseridos ao nível de MS, visto que ocorrem com verbos intransitivos que têm uma contraparte transitiva (Everett, 1993). Esses clíticos não são mais parte da gramática do português brasileiro (Nunes, 1995). O fato que a criança não usa "se" com "enojar" no exemplo, assim, mostra que ela está, de fato, usando a gramática do português com o vocabulário do espanhol.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado para explicar exemplos (10) a (12) – podemos ver a inserção de vocabulário de uma língua em uma sentença com a gramática de outra. Poderíamos dizer, com Mahootian &

Santorini, que os núcleos determinam as propriedades sintáticas de seus complementos, e no nível em que o vocabulário é inserido, os feixes de traços gramaticais dos elementos terminais recebem os traços fonológicos de uma ou outra língua.

Os resultados sugerem que se adotarmos uma teoria de aquisição de linguagem específica, a inserção de constituintes pode ser explicada como um fenômeno comum de Alternância de Códigos em dados de aquisição bilíngüe. Mais pesquisas precisam ainda ser realizadas para verificarmos se podemos aplicar este raciocínio para dados de adultos bilíngües de diferentes línguas, em acréscimo à observação de que AC intrasentencial é um modo de comunicação de comunidades bilíngües, como sugerido por alguns estudos citados acima.

ABSTRACT: The paper focus on the code-switching which occurs in the speech of a bilingual child with two typologically similar languages, Spanish and Portuguese. The aim is to identify the type of code-switching in this situation, in the light of the literature on the subject: code-switching, borrowings or other type of phenomena. The results show that the most common phenomenon in the data is constituent insertion, something not expected for typologically similar languages. The results, however, may be explained, if we adopt a specific theory for bilingual acquisition.

KEY WORDS: code-switching; bilingual acquisition; generative theory.

BIBLIOGRAFIA

- BURLING, R. (1978) "Language development of a Caro and English speaking child" In E. Hatch (org.).
- CYRINO, S.M.L. (em preparação) "Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo", pesquisa financiada pelo CNPq, n. 300469/95-0.
- DISICULLO, A ., P. Muysken & R. Singh (1986) "Government and code-switching" *Journal of Linguistics* 22:1-24.

- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *Alternância de códigos na fala de uma criança bilíngüe em português e espanhol*.
- EVERETT, D.L (1993) "Why there are no clitics" ms, University of Pittsburgh.
- HALLE, M. & A. Marantz (1993) "Distributed morphology and the pieces of inflection" In Hale, K. & S.J. Keyser (eds.) *The view from Building 20*, MIT Press, Cambridge.
- HATCH, E. (1978) (org.) *Second Language Acquisition – a book of readings* Rowley, Newbury House.
- KARNIOL, R. (1990) "Second language acquisition via immersion in daycare" *Journal of Child Language* 17:124-170.
- LEOPOLD, W.F. (1978) "A child's learning of two languages" In E. Hatch (org.)
- LINDHOLM, K. & A. M. Padilla (1978) "Language mixing in bilingual children" *Journal of Child Language*
- MAHOOTIAN, S. (1993) *A Null Theory of Codeswitching*, tese de doutorado, Northwestern University, Illinois.
- _____ & B. Santorini (1996) "Code-switching and the complement adjunction distinction" *Linguistic Inquiry* 27(3):464-479.
- MEISEL, J. (1987) "Early differentiation of languages in bilingual children" *Arbeit zur Mehrsprachigkeit* 23.
- NAIT M'BAREK, M. & D. Sankoff (1988) "Le discours mixte arabe/français: emprunts ou alternances de langue? *Canadian Journal of Linguistics/ Revue Canadienne de Linguistique* 33(2):143-154.
- NUNES, J. (1995) "Ainda o famigerado SE" *D.E.L.T.A.* 11(2):201-240.
- PETERSEN, J. (1988) "Word-internal code-switching constraints in a bilingual child's grammar" *Linguistics* 26:479-493.
- POPLACK, S. (1982) "Sometimes I'll start a sentence in English y termino en español" In J. Amaste & L. Elias-Olivares (eds.) *Spanish in the United States*, Cambridge University Press, Cambridge.
- _____ (1987 a) "Language status and language accommodation along a linguistic border" In Peter H. Lowenberg (ed) *Language Spread and Language Policy* Georgetown University Round Table on Language and Linguistics, Washington, DC.

- _____ (1987 b) "Contrasting patterns of code-switching in two communities" In Erling Wande et al. (eds.) *Aspects of Multilingualism* – proceedings from the Fourth Nordic Symposium on Bilingualism, 1984, Borgströms, Montala.
- _____ & D. Sankoff (1988) "Code-switching" In herausgegeben von Ulrich Ammon, Norbert Dittmar & Klaus J. Mattheier (eds.) *Sociolinguistics - an international handbook of the science of language and society*; Walter de Gruyter, Berlin.
- _____, Wheeler, S. & Westwood, A. (1987) "Distinguishing language contact phenomena: evidence from Finnish-English bilingualism" *The Nordic Languages and Modern Linguistics* 6: 33-56.
- _____, Sankoff, D. & C. Miller (1988) "The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation" *Linguistics* 26: 47-104.
- SANKOFF, D. & S. Poplack (1981) "A formal grammar for code-switching" *Papers in Linguistics: International Journal of Human Communication* 14(1): 3-44.
- _____, S. Poplack & S. Vanniarajan (1986) "The case of the nonce loan in Tamil" *Université de Montréal Technical Reports* 1348, Montreal.
- VIHMAN, M. (1985) "Language differentiation by the bilingual infant" *Journal of Child Language* 12: 297-324.
- VOLTERRA, V. & T. Taechner (1977) "The acquisition and development of language by bilingual children" *Journal of Child Language* 5: 311-326.
- ZUBIZARRETA, M.L. (1982) *On the relationship of the lexicon to syntax*. Tese de doutorado, MIT.
- _____ (1987) *Levels of representation in the lexicon and syntax*. Dordrecht, Foris.